

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

PROMESSAS... COISAS E LOISAS...

A pompa magestosa com que em Guimarães foram recebidos o Chefe da Nação e os Representantes do Governo da Ditadura deve ter calado bem profundo na alma dos ilustres visitantes.

Rialmente não é fácil fazer mais e melhor e difficil será mesmo imitar o que se fez! Tanta imponência, tão grande sumptuosidade, tão surpreendente exibicionismo não podem ser excedidos!

Foi talvez uma ocasião única para a laboriosa cidade que num momento de verdadeiro delírio mostrou aos seus Hospedes o fulgor da sua riqueza, proclamou a superioridade das suas manifestações festivas, ao mesmo tempo que apregoava a sua beleza regional e o intenso vigor do seu braço obreiro.

Devem tê-lo sentido bem não só os homenageados, mas todos aqueles que por qualquer motivo foram testemunhas do facto.

O Ex.^{mo} General Carmona, com os Ex.^{mos} Ministros, desde que pisou o abençoado terreno de Guimarães experimentou certamente as mais extraordinárias sensações, pode orgulhar-se de um acolhimento pomposo de que não há memória e há-de, certamente, dizer de si para si, como todos nós podemos dizer, que o berço da Nacionalidade lhe erigiu um verdadeiro trono de glória.

Tambem Sua Ex.^a não se recusou a reconhecer o facto e foi o primeiro a afirmar de um modo bem honroso para as suas doiradas estrelas de oficial do Exército Português, o prodigioso e sublime espirito hospitaleiro de Guimarães, de cuja visita não terá sempre fartas razões para se felicitar.

Não há porem, admitindo os sagrados princípios da lógica, meios sem finalidade; e nós estamos neste caso. Guimarães acolhendo festivamente o Governo da Ditadura não podia deixar de justificar-se do enorme sacrificio que fazia. E assim é que pela bôca do venerando Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal foi apresentado o número das mais urgentes necessidades para este importante concelho, que são: o restabelecimento do Licen Central; a restituição da unidade militar, e do nosso distrito de recrutamento e reserva; a solução do importante problema de viação acelerada.

Não são pretensões exigentes; não se trata de aspirações de momento; não se fala de projectos novos; não se pede coisa alguma que não seja a restituição daquilo que, sem causa justificativa, nos foi retirado.

Ora, se é certo que, para reclamar aquilo que nos pertence não deve ser preciso o recurso de festas que nos ficam caras e excedem as nossas possibilidades, é tambem preciso que não sejamos egoístas a ponto de não nos sentirmos compensados se nos atenderem. E se amanhã os clarins regimentais alternando com os acordes estridentes da banda chamassem á rua a população de Guimarães para lhe mostrar o regresso do seu bravo regimento que garbosamente marchava guardando a gloriosa bandeira que o sangue vimaranense tingiu em luta titânica, nos campos de França e Africa, teria soado a hora de entusiasmo que a magestade dos festejos de agora não conseguiu levantar.

Se o "Diário do Governo", nos comunicasse a reorganização do Distrito de Recrutamento e Reserva de Infantaria 20; se pudessemos annunciar que estava restabelecido o nosso Liceu Central; que a viação acelerada ia ser um facto; que Guimarães era finalmente protegido dos poderes centrais e as suas justas e velhas aspirações de progresso passariam a ser um facto palpável e seguro, não deixariam de ouvir-se os nossos cânticos festivos, não achariamos demasiados os sacrificios feitos nem exagerada a pompa que se antepoz a todas as conjecturas, para ser inexcedível, grandiosa, suberba, extraordinária, fantástica.

E nós, por índole pouco dados a exibicionismo, iríamos de bom grado render as nossas homenagens a quem soubera trabalhar para a nossa justiça. Mas quê?

Passada a hora do delírio; extinto o fumo da vaidade; apagados os ecos da retumbante festa, recolhemo-nos ao nosso modesto aposento de trabalho e mais serenamente pensamos, perguntando a nós próprio, inquirindo de toda a gente, perscrutando o sentir de cada um, nas conseqüências do inédito acontecimento, e nada se nos depara a não ser uma banal e delicada promessa de quem reconhecendo os direitos que nos assistem procura consolar-nos com palavras amigas. Promessas, muitas promessas; eis a resultante única de tanto trabalho, de tão colossal dispendio.

E de rial? E de verdadeiro? E de palpável.

Cumpriu-se a profecia, meus senhores. O Papa é já um senhor temporal como qualquer outro, como qualquer reitor na posse plena do seu passal. Vai ter côrte, diplomatas acreditados, repartições, ministérios, toda a urdidura, enfim, dum estado burocraticamente completo. E' caso para nos regosijarmos. Simplesmente, se a Igreja com a reduzida burocracia que tinha nos ficava tão cara, por quanto nos ficará agora? O caso é grave, mas... cumpriu-se a profecia. Foi tarde, dirão os ratos das sacristias. Concordamos. Há, porém, a atender a que a profecia desta feita não foi de qualquer profeta encartado, de qualquer Jeremias, Elias, Isaías, com diploma de curso e carta registada. Não, esta profecia foi feita por humilde abade em hora de mau humor. Por isso tardou. Mas cumpriu-se, assim se dando repouso aos manes do franco Pepino, que ameaçavam estoirar na campa, por verem em mãos alheias o exarcado de Ravena. Paz aos manes de Pepino!

E amanhã há já o direito de fazermos mais uma romagem: a romagem á campa de Garibaldi.

* * *

Em côro desafinado, a corja ultramontana vem ululando anátemas contra as ficções e utopias do liberalismo, que levaram a humanidade ao erro, á corrupção, etc. etc. O liberalismo levou a desordem ás sociedades, o desarranjo aos lares, o veneno da descrença á própria razão humana, no entender daqueles que da razão abdicaram na pia do batismo, dos que á sacrosanta integridade do lar arremesaram o "jus primae nocti", o direito de pernada, e de sociedades só concebem as das filhas de Maria. Estes farrapos humanos, que estão a encher a literatura de vergonhosas palhaçadas e a arte de ridiculos monos; estes impotentes intelectuais, que vão buscar ao elogio mútuo a artificiosa fama que o mérito próprio lhes recusa, querem, á viva fôrça, borrar com o pixe dos seus miolos as mais belas páginas de todas as literaturas, de toda a história, de todas as sciências — aquelas páginas em que se canta e demonstra o gigantesco esforço de emancipação de liberdade, que o homem vem realizando, desde Prometeu a Cristo, desde Cristo até hoje. E' vêr a sanha com que a sua pelintrice mental se vota á fantástica tarefa de renegar tudo o que por miopia cerebral não compreende, e se refocila, caquética, impotente, em velhas e obnoxias teorias, política e moralmente desprezíveis, ridiculas, sobretudo, por serem mais uma manifestação da lepra messiânica, sebastianista, ainda alapardada nos espiritos tancanhos dos insexuados coristas da "ideia nova".

Agora sai-se-nos um filho do Eça sublime, o da "Reliquia", de "Os Maias", de "O Crime do Padre Amaro", e de tantas outras obras primas, a reivindicar para o grémio integralista o talento e as ideias políticas de seu pai, com um desplante que faz dó; logo é o integralista Murias que barafusta na fôlha de Nemo contra a História Pátria, que teima em respeitar a verdade, não se calando ante as virtudes e os defeitos dos vários Joões que o destino deu para reis das rãs de Portugal e Algarve, daquem e dalem, etc. Depois... Mas, seria um nunca acabar, se para aqui quizessemos trazer todas as chalaças dos impávidos e impagáveis cassapos. Seria um nunca acabar de misérias, de erros crassos e conscientes, com que eles vêm fazendo a nova história da Nação, apontando todos os reis como heróis da Tavola Redonda, e, como se isto não bastasse, sobrecarregando uns com a palma ou com a cana verde do martírio, brindando outros com o resplendor dos santos. Heróis, mártires e santos, que assim o quere a igreja dos Murias, dos Pires e quejandas espécies de eunucos, caídos de cócoras ante as prolíferas façanhas do senhor D. João V e o estúrdio temperamento do senhor e amo D. Mijel; heróis, mártires e santos todos eles, á principiar no pobre Afonso VI, que tanto fez pela indústria dos pentes e a acabar... onde os monárquicos acabaram, aqui há 18 anos. Venha incenso, mirra a dois para o altar em que fulguram as veras efigies do valente e virtuoso João VI e de sua real cara metade, a casta Carlota! Que peneirice de ideal, que fantochada... E chamam eles a isto nacionalismo e disto fazem eles a única arma com que veem á estacada contra a Democracia. Causam dó e metem... nojo. Podem dormir em paz os Rousseau e os Montesquieu: os seus *competidores* não podem deixar geração.

* * *

A política eminentemente nacional de Calles, no México, feriu profundamente o interesse católico, o que deu lugar a que alguns atribuam aos prosélitos do catolicismo a actual revolução mexicana. E' de crer que sim. As religiões não toleram que lhes cortem nas suas regalias, o que muitas vezes as põe em luta com o poder civil. Lá como cá. Felizmente, a vitória parece inclinar-se para Calles.

* * *

Se os jornais falam verdade — os *colossos*, está bom de vêr — a atmosfera política da Espanha está carregada. As notas officiosas sucedem-se e numa das últimas declara Primo de Rivera que não pode durar sempre. Pois é pena.

A propósito, queixa-se a imprensa visinha de que há no estrangeiro quem avolume, até os deturpar, os acontecimentos, pintando-os com côres negras, no malévolo desejo de prejudicar a ordem e os interesses espanhóis. Tudo se paga neste mundo, e, se não folgamos com os males do próximo, é bem certo que não podemos esquecer-nos das tendenciosas notícias com que certas agências de informações alarmavam este mundo e o outro, quando qualquer bernarda sem importância estalava nas ruas de Lisboa. Que, ás vezes, nem era preciso que o motim estalasse; inventavam-no e davam-lhe curso com o mais odioso cinismo. A imprensa visinha bem o sabe. Tudo se paga.

* * *

Em fundo e com os ares catedráticos que lhe ficam a matar, diz "O Século", que Catão dirige, que, enquanto as democracias se aristocratizam, as monarquias se democratizam. E' de pasmar tanta argúcia em Catão. E como chegou êle a esta ilacção tão profunda? Reparando na vida popular, burguesíssima do futuro rei de Inglaterra. Tanto bastou. Como se vê, o argumento tem a solidez de um Himalaia, só assim condizendo com a oceanica profundidade do raciocínio. E' de pasmar... O que "O Século", não diz é em que se funda para afirmar que as democracias se aristocratizam. Não diz nem é preciso. A moralidade de Catão supre todos os argumentos, até ao dia em que um vento vingador lhe levante a... toga. Até lá, vamos cantando o Delenda quoque Carthago. * * *

Depois da tempestade...

E' costume dizer-se que depois da tempestade vem a bonança. Por isso, é necessário que mais uma vez se confirme este velho adágio, acalmada que seja a tempestade de economias que teve os seus efeitos sobre os operários que trabalhavam em diversos serviços municipais. E' preciso dar ao operário a protecção a que tem direito, facilitando-lhe uma vida menos penosa, embora com o suor do seu trabalho. Dar de comer a quem tem fome é das *Obras de Misericórdia*, que devem estar no espirito de todos, e muito principalmente daqueles que têm a obrigação — em nome da religião que professam — de as cumprirem integralmente. E' assim que nós entendemos a boa religião; as muitas missas e muitas rezas não devem — sem outras virtudes — constituir as principais qualidades dum bom católico. Tirar o pão ao nosso semelhante, nem deve ser *humanidade* nem *religiosidade*, qualidades estas que encobrem muitas vezes a malvadez de determinadas criaturas, que vivem apenas para fazer mal. Volte-se, pois, ao passado, não se pensando mais nos divertimentos que tanto abalarão o estomago de certos desgraçados...

83.000\$00

Segundo o balancete ultimamente apresentado em sessão da Câmara, era este o saldo em cofre antes das festas.

Dispondo-se apenas de tão exigua quantia, que mal chega para pagar aos empregados, não podia a illustre Comissão Administrativa deixar de suspender as obras, como muito acertadamente fez.

Todos os louvores que se lhe dirijam são poucos, em face de provas tão exuberantes que tem dado da sua boa administração e zelo com que defende as receitas municipais.

Miséria

Com a suspensão das obras, despedidos como foram uns 100 operários, devem ter ficado sem pão cerca de 500 pessoas.

Entre os snrs. vereadores, condoidos de tanta miséria e atendendo a que, embora no doloroso cumprimento dum dever que a necessidade lhes impunha, indirectamente para isso contribuíram, foi aberta uma subscrição que produziu quantia avultada, tendo tambem o seu illustre Presidente dado trabalho a bastantes dos despedidos nas suas vastas propriedades.

Bem hajam.

Azul e branco

Não concordamos com as cores do novo estandarte municipal; é certo que o antigo e tradicional, por vir já do tempo da Monarquia, cheirava a talassice que trespassava, sendo da maior urgencia e necessidade substituí-lo. Muito bem fez a illustre vereação não afrontando o republicanismo dos nossos nobilissimos visitantes com essa velha bugiganga, que de mais a mais, até era vermelha. Agora o que não sabemos é porque se preferiu o verde ao azul.

Não estaria melhor o branco de Afonso Henriques com o azul da maçonaria liberal e da Conceição Imaculada?

Uma resposta

Por dever de officio, vamos responder — em poucas palavras — á última carta do snr. Carlos Saraiva, publicada no n.º 554 do «Ecos». Naturalmente, todos os leitores compreenderam — á excepção do snr. Saraiva — que as referências aqui feitas á sua primeira carta são da autoria de *gente cá de casa* — como se depreende da leitura do que está escrito. Não foi, portanto, qualquer colaborador anónimo — porque não temos nem queremos disso — que escreveu aquele bocadinho de prosa que tanto irritou o jovem académico. Ela é — e com muito prazer — da *Redacção deste Jornal*, e para se perceber que assim é, não se torna necessário o uso de grandes óculos nem mesmo é preciso cursar qualquer Universidade.

Quanto ao *engulho* que ao snr. Saraiva causou a frase «que parece feita de encomenda» devemos dizer-lhe que «parece» — verbo parecer — não é sinónimo de «é» — verbo ser; pelo contrario, há uma diferença grande entre a significação dum e a do outro. Por isso, nenhuma razão tem o dito senhor para se mostrar tão *encolerizado* contra o verbo «parecer» porque ele não pretendeu attribuir-lhe a *missão* de fazer fretes — como diz — tanto mais que nós sabemos que se dedica á conquista doutra profissão de respeitabilidade e da qual lhe desejamos felicidades, mais do que as que teve na publicação das suas *epistolas*.

Relativamente á afirmação que continua a fazer de que a doença do snr. Manuel Ribeiro é incurável, não nos consta que o diagnóstico «alienação mental»; *caso curável provável* já esteja posto de parte. De resto tambem sabemos — apesar de sermos leigos — que esta doença, de prognostico reservado, é em geral progressiva, mas pode, todavia, ter períodos de grandes melhoras ou até de *remissão*.

Não será assim, snr. C. Saraiva? Que lhe parece desta opinião de *verdadeiros leigos*? Diga que são *afirmações erradas e juízos falsos*, que isso nada nos preocupa, visto que a sua *autoridade médica* — que pode vir a ser muitissimo autorisada e chegar até a *passar as fronteiras*, está por enquanto em *embrião*!

Por aqui ficamos — seguindo-lhe o exemplo — mesmo que o senhor volte a dizer — embora errada e falsamente — que «lançamos a pedrada e escondemos a mão, cobertos pelo véu ténue do anonimato».

Que bom começo!
Que bela retórica!

Major Alexandre de Paiva

A fim de tomar parte nas festas ao Snr. presidente da Republica, foi convidado para vir a esta cidade o velho republicano, que tanto se tem sacrificado na luta pelos ideais democraticos, o Snr. Major Alexandre de Paiva, irmão do nosso dedicado correligionário Snr. João de Paiva.

VAUBRY

TINTAS PARA FAZENDAS

PARA TINGIR EM CASA TECIDOS DE ALGODÃO, LÃ, LINHO, SEDA, ETC.

PRÁTICAS E GARANTIDAS

VENDE-SE:

CASA DAS NOVIDADES GUIMARÃES

Visita do Sr. Presidente do Ministério à Escola Ind. e Commercial de «Francisco de Holanda»

O Snr. Presidente do Ministério e cumulativamente Ministro interino do Comércio, visitou, no passado dia 5 do corrente, pelas 10 horas, a nossa Escola Industrial e Commercial, sendo ali gentilmente recebido pelo director e corpo docente daquele utilissimo estabelecimento de ensino.

S. Ex.ª, conduzido logo de entrada ás oficinas, onde se encontram em perfeito estado de limpeza os maquinismos de fição e tecelagem, esperando apenas a verba indispensável para a montagem, ficou penalizado pelo tempo e dinheiro que se tem perdido com o repouso inexplicável daquele material mecânico. Seguidamente visitou interessadamente todas as dependencias da Escola, entrando firmemente no gabinete do Snr. director que pronunciou as seguintes palavras:

«Agradecendo penhoradamente a V.ª Ex.ª, em nome do corpo docente da Escola Industrial e Commercial de «Francisco de Holanda» a honrosissima visita que se dignaram fazer a este humilde estabelecimento de ensino, eu solicito, não só na minha qualidade de Director da mesma Escola, mas ainda na de cidadão Vimaranesense que muito e muito preza a sua terra, solicito, dizia eu, do alto critério de V. Ex.ª, Snr. Presidente do Ministério, a conclusão da montagem das nossas oficinas, já iniciadas, saindo finalmente e definitivamente, aquelas máquinas, do vergonhoso marasmo em que, mercê da incuria nacional doutros tempos, jazem ácerca de 40 anos; dando, em suma, a Guimarães aquilo a que a sua florescente industria tem jus: — Uma Escola Industrial verdadeiramente digna deste nome.

Porque, Ex.ª Snr. Ministro, como V. Ex.ª muito bem compreende, não faz sentido que um concelho como este, indubitavelmente um dos que maior actividade industrial desenvolvem no nosso país, não possua uma escola devidamente montada, á altura do seu labôr.

Uma vez em laboração estas oficinas, é opinião autorizada do illustrado mestre daquela secção, que, convenientemente industrializadas, cessariam, em parte, para o Estado, as despesas com a nossa Escola, porquanto, do produto do seu trabalho viveria desafogadamente.

Uma Escola Industrial sem oficinas, ou digamos, *de oficinas mortas*, é, como já tive occasião de declarar a um jornalista de Lisboa, numa entrevista que lhe concedi, *um corpo sem alma*.

*

Para não fatigar mais V.ª Ex.ª, termino afirmando a minha convicção de que, desta honrosissima visita, muito em breve, melhores dias virão para a Escola que tenho a honra de dirigir, collocando-a na situação de poder desempenhar, como lhe compete, a missão educadora que lhe está destinada, e que até agora não tem sido possível em consequencia de lhe ter faltado, logo após a sua criação, todo o auxilio que merecia e do qual incontestavelmente carece, como V.ª Ex.ª acabam de verificar.

Espero pois, confiadamente, no futuro da Escola Industrial e Commercial de «Francisco de Holanda» e, saudando V.ª Ex.ª, reitero os meus sinceros agradecimentos por tão honrosa visita.

Tenho dito».

*

S. Ex.ª respondeu, concordando em absoluto com a maneira de ver do Snr. Director, que prome-

Visita presidencial

Pelas 18 horas do dia 3 chegou a Guimarães o Ex.ª Sr. General Carmona, Presidente da Republica, acompanhado pelos Srs. Ministros do Interior, Justiça, Agricultura, General Craveiro Lopes, com os respectivos ajudantes e vários elementos officiais. Na estação foram os illustres visitantes recebidos pela nossa vereação municipal e representantes das várias colectividades vimaranenses, com a guarda de honra feita pela companhia de recrutas sob o comando do Sr. Capitão Mário Cardoso, e a banda de Infantaria n.º 8.

Ao som do hino nacional, estrolejando os foguetes, pôs-se em marcha para os Paços do Concelho com extenso cortejo de automóveis. Pelas ruas do trajecto, lindamente ornamentadas, aglomerava-se muito povo que viera assistir á festa e das varandas dos edificios embandeirados e adornados com colchas de damasco lançavam-se flores sobre o carro presidencial.

Na Câmara Municipal foram dadas as boas-vindas pelo Ex.ª Sr. Dr. Mota Prego, presidente da Comissão Administrativa, agradecendo-lhe em breves palavras o Ex.ª Sr. General Carmona.

Dali novamente se pôs o cortejo em marcha para o palacete de Vila Pouca, onde se alojou o Sr. Presidente da Republica e teve lugar o banquete official, em que tomaram parte mais de 150 pessoas.

Abriu a sessão de brindes o Ex.ª Sr. Dr. Mota Prego, que leu uma mensagem de saudação, indicando ao mesmo tempo as reclamações que Guimarães desejava ver atendidas, tais como — restabelecimento do Liceu Central e do distrito de recrutamento e reserva n.º 20; collocação de uma unidade militar; construção da linha férrea do vale do Ave e da estrada para as Citãneas de Sabroso e Briteiros.

Falou o Sr. Dr. Rocha dos Santos, presidente da Associação Commercial elogiando a Ditadura.

O Ex.ª Sr. Ministro da Justiça em um longo discurso descreveu o que tem feito o governo saído do 28 de Maio.

Disse algumas palavras o Ex.ª Sr. Ministro do Interior, e finalmente encerrou a série de brindes, agradecendo todas as manifestações, o Ex.ª Sr. General Carmona.

Estava assim terminada a parte official d'este dia.

Nas ruas circulavam muitas pessoas admirando a profusa iluminação e as caprichosas ornamentações. No Largo da Republica do Brasil teve lugar o festival minhoto, abrilhantado pela banda de Infantaria 8, que deu um belo concerto musical.

No dia 4, ás 11 horas, teve lugar a inauguração official da rede telefónica urbana, com a assistência do Ex.ª Sr. General Carmona e todas as entidades officiais que nos visitaram.

O Ex.ª Sr. Presidente da Republica visitou durante o dia as

tiá interessar-se pela Escola, como lhe competia, e tanto mais quanto é certo considerar um verdadeiro crime deixar para ali permanecer sem utilização, aquele por todos os modos, valiosissimo maquinismo, sendo, na realidade, de extranhar que os governos que o antecederam não tivessem olhado por aquilo como deviam.

*

O Snr. Presidente do Ministério fez-se acompanhar nesta visita pelos Snrs. Ministro da Agricultura, General Craveiro Lopes, Coronel Amaral e outros officiais do exercito.

fábricas do Castanheiro, Arquinho, Pevidem e Campelos, Museu Alberto Sampaio e Paço dos Duques de Bragança. Depois de uma rápida volta pelas Taipas dirigiu-se á Penha, cujo encantador panorama esteve apreciando.

A' noite assistiu, do pavilhão construído em frente ao Banco de Portugal, á *Marcha Milanese*, admirável cortejo luminoso a que os briosos empregados de comércio imprimiram excepcional brilho.

No dia 5 visitou Sua Ex.ª o Hospital da Misericórdia, quartel dos Bombeiros Voluntários e Sociedade Martins Sarmento, retirando para Lisboa ás 14 horas.

Em toda a parte tiveram os nossos visitantes carinhosas manifestações e pomposas recepções, que devem ter calado fundamente na sua alma e lhes devem ter mostrado de um modo inequivoco como Guimarães sabe receber. Não se viu até hoje festa mais re-tumbante.

A ornamentação das ruas era bellissima, especialmente a das ruas da Republica e 31 de Janeiro, Praça de D. Afonso Henriques e Largo da Republica do Brasil e Avenida.

A cidade oferecia um feérico aspecto festivo. As iluminações, com milhares de lampadas electricas eram de um efeito surpreendente. Admirável o fogo de artificio e a batalha luminosa do Toural á passagem da *Marcha Milanese*.

Várias bandas de música fizeram-se ouvir durante todo o tempo da estada entre nós do Ex.ª General Carmona.

Várias Notas: — Foram calorosas as ovações, principalmente á chegada do Sr. Presidente, na Câmara, no banquete e na Associação Commercial.

Ouviram-se muitos vivas ao Sr. Presidente do Governo, á Ditadura e á Pátria.

As saudações á Republica porem parece que feriam os promotores da grandiosa festa. Não admira que assim sucedera pois houve o cuidado de excluir os republicanos os únicos que sabem sentir e saudar a Republica.

Nos convites para o banquete official, aliás distribuidos profusamente aos elementos conservadores de Guimarães, esqueceram os nossos mais importantes Bancos. Porque seria?

Dizem os jornais que o presidente da Associação Commercial, quando da visita do Sr. General Carmona á sede desta collectividade, levantou vivas á Republica.

Não acreditamos. O grande representante do Conselho Supremo da Causa Monarquica em Guimarães não abdica assim dos seus principios.

O serviço policial foi feito pela Guarda Republicana e Policia de Segurança do Porto.

Tambem foi estabelecido nas principais ruas um serviço de regulamentação de transito feito por policiaes sinaleiros do Porto.

Quereis vestir bem e barato?

Só na alfaiataria de **Ribeiro, Filho**, ao Largo da Misericórdia, que acaba de receber um lindo sortido de **casimiras** nacionais e estrangeiras para a próxima estação de verão e em padrões da última moda.

Preços, os mais limitados do mercado.

Não comprem sem visitarem esta casa.

Este número foi visado pela Comissão de Censura